

## ***Uma Experiência na Dimensão do Cuidado***

Primavera | 2020

*“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Jorge Larrosa Bondía).*

Ali, naquele auditório, paramos para dar o tempo e o espaço necessários para ouvir a equipe multiprofissional do Hospital Regional de Osasco e do SAD - Serviço de Atenção Domiciliar, do município de Osasco, sobre o que tinham para nos contar sobre a experiência da transição do cuidado de Andressa. Transição do hospital para casa, quando ela recebeu alta hospitalar, após cinco meses de internação, na clínica médica, com sequelas de um AVC - Acidente Vascular Cerebral.

Queríamos sentir, dar passagem aos afetos e efeitos produzidos por essa experiência, demorar nos detalhes: *“os detalhes nos interessam porque às vezes é no detalhe que você percebe uma mudança, uma nuance, uma indicação de vida”*, disse a apoiadora.

A experiência de cuidar da Andressa, da sua família e rede afetiva foi um acontecimento comum a todos, mas estava encarnado em cada um de modos singulares.

Acontecimento que produziu ressonâncias: *“A Andressa permeou cada cantinho do hospital”* - comentou Dr. Jorge, médico, diretor do Hospital.

Essa experiência é o efeito da produção de uma clínica de cuidados mais ampliada, que inclui o acolhimento da família e rede afetiva, ambiência, trabalho em equipe multiprofissional, apoio da gestão, produção de redes de cuidado e transição do cuidado, diretrizes da Política de Humanização.

Simone, a psicóloga foi logo dizendo:

*- Algumas pessoas já me perguntaram por que a Andressa? Eu acho que a Andressa é um caso extremamente complexo, por isso que quando a gente pensou em pegar um caso para começar esse trabalho, pensamos justamente em um caso complexo, que exigiu muito da equipe. Caso com complexidade clínica: um AVC muito extenso, que deixou sequelas profundas:*

*traqueostomia, alimentação por sonda, acamada, uma pessoa sem interação. No início era um estado semi comatoso, não tinha respostas neuro motoras, ela foi desenvolvendo depois, uma resposta por expressão facial, respondia às perguntas com o olhar, piscando... Caso com complexidade social, moradia em comunidade.*

Entender as angústias da família, do filho, Hugo, um jovem de 19 anos de idade, pedreiro, recém-casado, e a mãe que ele tanto amava, que queria levar logo para casa. A assistente social, Alice, cuidava para além dos protocolos e dizia: *“eu o acompanhava nas visitas à mãe fora dos horários estabelecidos pelo hospital, era um desafio para todos”*.

Quando Hugo percebeu a complexidade do caso, duvidava da própria capacidade de cuidar da mãe. Ele ansiava por respostas em meio a tantas dúvidas: *“Mas ela vai ficar boa? Ela vai andar? Ela vai falar? Ela vai isso vai aquilo?”*.

E continuou a psicóloga, a nos contar como não eliminar as esperanças, não cuidar de qualquer jeito, ter cautela, acolher a singularidade do acontecimento que atravessou essa família e que precisava se reinventar na produção da Grande Saúde que, segundo Canguilhem, *“saúde é capacidade de instituir novas normas em situações novas”*. Fazer esse acontecimento também ressoar possíveis potências transformando em novas composições.

*- Olha, não tem como, respondia ao Hugo, mas sua mãe sente amor, tem sensações e ainda não existe uma “máquina” que meça as emoções de uma pessoa nesse estado, saber o quanto ela está percebendo, sentindo. Mas ela tem a expressão facial de dor, de felicidade, e no dia-a-dia vocês irão entendendo esse complexo facial porque será através disso que ela vai se comunicar e que vocês irão interagir.*

Nesse momento, a equipe tem a certeza e nos afirma que se já não tivesse clínica ampliada implantada nesse hospital, se não tivesse uma equipe sensibilizada, o apoio do município, esse seria um caso, como tantos outros, a ser transferido para uma instituição de longa permanência.

Mesmo em meio a tantos atravessamentos despotencializadores que ocorrem nos modos de existir na vida, a experiência pode nos deslocar, nos transformar e dar passagem de uma potência menor para uma potência maior de existir.

É esse aumento de potência que vamos percebendo na equipe e na Andressa, quando Rita, a fonoaudióloga, nos conta que ao levá-la para casa, nesse percurso, a expressão facial dela foi se modificando: *“era uma felicidade interna se transbordando e ela sorriu pela primeira vez desde a internação”*.

Percebemos uma equipe implicada no cuidado, se deslocando, a equipe acompanhou Andressa e Hugo no retorno para casa.

Ao chegar ao território, entre vielas que ora se alargavam, ora se estreitavam, subidas e descidas, transpondo dificuldades pelo caminho, a equipe encontra uma forte rede de apoio da Andressa, muitos a aguardavam: marido, filho, nora, vizinhos, crianças, comadres, dentro e fora da casa, debruçados na janela, conversando, aguardando com alegria o retorno de Andressa.

Cuidado em rede! Rede de apoio fortalecida! A casa foi preparada: uma parede foi construída na sala, rebocada e pintada pelo filho... Mensagens de boas-vindas colocadas nas paredes! Quantas produções!

Andressa devia ser uma pessoa muito especial... Rede de apoio que Hugo foi produzindo para cuidar da mãe. Hugo que age e cuida, destaca o fisioterapeuta, Milton: *“Ele vai e faz, não tem lamentação, não tem choro”*.

Conforme citado, Canguilhem já falava em 1943 sobre saúde e doença: *“a grande saúde não é ausência de patologia, é como você lida com o que te vem”*. Hugo agindo de forma afirmativa com a situação: sem ressentimento, sem culpa e sem peso. Ele lida com a situação com aquilo que tem que ser lidado.

A transição do cuidado produziu ressonâncias na Andressa, nas equipes do hospital e do SAD, na família, na comunidade, ninguém será mais o mesmo após esse acontecimento, porque o que experimentaram provocou deslocamentos: do olhar, da postura, da clínica, de outros modos de existir na vida, mais ampliado.

Podemos dizer que este foi um encontro produziu passagem a outros modos de intervir, pensar, agir, cuidar, ampliar, produzir vida enquanto coletivo, sustentado por questões comuns.

E a partir desse encontro, nos despedimos da equipe nos dizendo:

- *“Já estamos pensando no próximo caso”*...

\*\*\*\*\*

***Hospital Regional de Osasco***

*Dr. Jorge Luiz Evangelisti Farah - Gestor do Hospital Regional de Osasco*

*Conceição Aparecida G. Pereira - Dir. Técnica*

*Cintia Correa Leandro – Dir. Laboratório de Análises Clínicas*

*Giovanna Piovesan Guimarães – Recursos Humanos*

*Joice Ferreira – Oficial de Saúde*

*Milton Brandão Monteiro Jr. - Fisioterapeuta*

*Regina Maciel Corrêa - Responsável Grupo Técnico de Humanização*

*Rita de Cássia Montemurro - Fonoaudióloga*

*Simone Grzebieniak de Oliveira – Psicóloga*

*Alice Mazieri de Oliveira - Assistente Social*

### ***Secretaria Municipal de Saúde de Osasco***

*Dr Leonardo De Gasperi – Diretor Planejamento Estratégico*

*Carla Valente – Fonoaudióloga Serviço de Atenção Domiciliar (Programa Melhor em Casa)*

*Danilo da Mota Santos – Gestor Serviço de Atenção Domiciliar*

*Felisberto Pereira Lima – Enfermeiro Serviço de Atenção Domiciliar*

*Gretha Silva Lana– Enfermeira Serviço de Atenção Domiciliar*

*Paula Gonçalves Dias – Programa Alta Integrada*

### ***Núcleo Técnico de Humanização – NTH/SES***

*Cleide Emília de Oliveira Ayres Prestes – Enfermeira, Articuladora de Humanização DRS I Rota dos Bandeirantes | NTH | SES-SP*

*Cristiane Marchiori: doutora em Saúde Pública, apoiadora NTH | SES-SP*